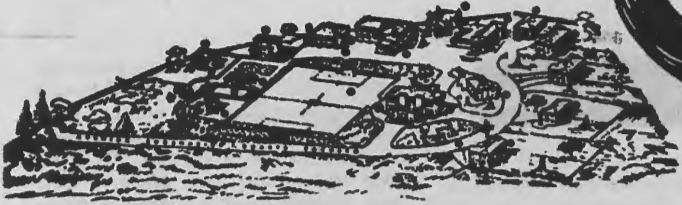




Gaiato

2 DE NOVEMBRO 1968

ANO XXV — N.º 643 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PRÓPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINTA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



A «roda maluca» do parque infantil, em nossa Aldeia de Paço de Sousa.

Tribuna de Coimbra

«Quer se goste da Pobreza de Cristo, quer não, ela é essencialmente uma libertação, um convite a uma vida nova e mais elevada, em que os bens do espírito, e não os da terra, têm a primazia.

A pobreza de Cristo é o melhor caminho para se entrar no reino do Senhor.

É necessário ter a coragem da pobreza. A posse e a busca da riqueza, como fins em si, constituem a paralisia do amor.

O Papa Paulo VI falou assim da Pobreza. Ele é a voz mais autorizada na terra. É o próprio Cristo que fala: «Quem vos ouve a Mim ouve».

Como Pai Américo, que marcou o rumo da sua vida pela pobreza de Cristo, devia rejubilar com este testemunho do Papal Dias antes, Paulo VI tinha publicado a sua Encíclica «Humanae Vitae». Doutrina que não veio ao gosto da mediocridade do nosso tempo. É muito mais fácil sermos banais. Mas o amor para conservar a sua pureza, tem que ser um amor heróico. E o Papa aponta esta heroicidade, que muitas vezes é prático de renúncias.

Quando grande parte da humanidade esperava que o Chefe da Igreja Católica, nesta época marcada pelo ecumenismo, fosse muito mansinho e todo água benta, ele aponta caminhos duros e exigentes, mas caminhos que conduzem a uma felicidade verdadeira e duradoira.

Se a maior parte da humanidade tem fome, e se Deus criou bens para o necessário a cada homem, a voz do Papa não pode deixar de ser a exaltação da pobreza, isto é, que cada homem trabalhe e progrida, transpire e construa, sem se alhear dos irmãos que não

Cont. na TERCEIRA página

Lourenço Marques

Tenho andado nestes Domingos primeiros de Outubro e continuarei nos de Novembro, a apresentar o pregão da Obra da Rua, pelas Igrejas da cidade. No último, ao fim da Missa, abeirou-se uma mulher muito modesta, já de idade e vestida de preto: «quero dar um escudo mas queria troco» e estendeu uma moeda de 2\$50. Foi um momento enquanto a atendi. Não trocámos mais palavras, senão o agradecimento que me convinha. Mas foi uma reflexão para aquele dia, esta que quero transmitir aos leitores de Moçambique.

O primeiro pensamento que me acudiu foi que tinha perante mim a viúva do Evangelho que, dando a moeda mais pequena, foi a que deu mais. Houve notas de cem e cinquenta e muitas placas brancas. «Eu quero dar um escudo». E veio entregá-lo pessoalmente com receio de não poder ser conforme queria, num gesto muito consciente. Eu apreciei muito e agradeci-o a ela e a Deus com um estremecimento interior.

Cont. na TERCEIRA pág.

POR

PADRE LUÍS

Aqui Lisboa

Foi na semana transacta. Após o Santo Sacrifício iniciáramos a nossa acção de graças. Inesperadamente, a nosso lado e também de joelhos, o Eurico, de quatro anos. Com as nossas mães e pecadoras fazemos-lhe uma carícia. Na sua linguagem arrevesada, quase incompreensível, e apontando para uma imagem do Senhor dos Passos, à nossa frente, este nosso pequenino amor, reclama: «Tira cruz Nosso Senhor». Sorrimos ante a ingenuidade e retorquimos, sem mais: «Nosso Senhor não pode estar sem a cruz». O nosso pensamento foi mais longe e veio-nos à mente aquilo que tantas vezes os homens pretendem: um Cristo sem cruz e sem fel, um Cristo adocicado, sem sofrimento e sem luta.

Cristianismo sem cruz é pura ilusão; e esta, ao fim e ao cabo, como diz Thomaz Merton, é a forma misericordiosa do desespero. A glória da Ressurreição não se processa sem a Paixão humilhante e dolorosa. É preciso morrer para viver e isso é que não queremos. E cada um de nós tem de levar a sua cruz, a começar pelo pequeno Eurico, embora ainda o não perceba, sem mãe e com o pai a cumprir prisão maior. Da forma como a transportamos, da sua aceitação ou da sua rejeição, depende a nossa felicidade. Vivendo-a com Cristo e em união com os Irmãos tudo se simpli-

fica e aplanar. As vezes custa, é verdade, mas cruz é sinónimo de dor e de Calvário. Senhor ajuda-nos a levar a nossa cruz, em intimidade com a Tua e em solidariedade profunda com todos os Homens, particularmente com Aqueles que nos confiastes!

x x x

Admiramos a persistência de

muitos dos nossos Amigos que, ao longo do ano, nos fazem chegar os seus donativos, sem desfalecimentos ou quebras de qualquer espécie. Veio-nos isto à ideia pela chegada de habitual talão de depósito, remetido pelos nossos «accionistas» na Mobil, e relativo a 16 centenas de escudos mais um. Para estes e todos os Amigos vai o nosso preto de gratidão.

Cantinho dos Padres da Rua

Durante o mês de Agosto, o Breviário pôs nos nossos lábios, repetidas vezes, esta sublime aspiração: «Duas coisas Te roguei, Senhor; não mas negues antes que eu morra: Riqueza e miséria — não me des. Dá-me somente o necessário à minha vida.»

É um cântico da inteligência e da experiência mística da Igreja à altíssima

virtude da Pobreza. Pobreza - sobriedade; Pobreza - confiança no pão de cada dia — salário garantido aos operários do Reino.

Na verdade, dois inimigos irreductíveis tem a Pobreza: a riqueza e a miséria. A riqueza aprisiona o coração do homem pelo deleite imediato que lhe oferece. É propícia a um sentido de autonomia que

não corresponde à realidade da vida do homem em sociedade. Lisonjeia-lhe o amor-próprio que facilmente tende para a soberba. Fornece-lhe o culto hedónico das criaturas, que depressa degenera em egoísmo e em violência. E como não tem alma — ou é danada! — Mamona é alimento que faz fome, bebida que faz sede, instrumento das

Trevas a guiar o homem para o abismo sem fundo da avareza.

Nem de outro modo podemos entender a riqueza, sem a pensarmos essencialmente risco para o homem — cegueira que, impedindo de ver que, de si mesma, ela não tem cotação na Eternidade, o faz perder a mira que, somente

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Estimados amigos: nada mais me leva a escrever-vos a não ser a vontade que trago, há já muito tempo, de de vos fazer conhecedores de um pouco da minha vida, e do meu ideal.

Tinha eu três anos. Havia morrido o meu pai, minha mãe estava gravemente doente no hospital e fui entregue a uma das minhas tias que era viúva e me serviu de mãe durante algum tempo.

Vim para esta família da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo quando era pequenuto.

Aqui fui recebido de braços abertos. Cresci como uma flor no jardim cercado de todos os cuidados. Começaram a chamar-me "Zé Gordo".

Na devida altura dei entrada na escola primária onde recebi as bases da cultura humana e também cristã. Lembro-me ainda «as obrigações» que tive durante o período escolar: tive a meu cuidado a limpeza da casa-mãe, tratei as galinhas, lavei a louça, apanhei pasto para o gado, tratei os porcos, fui sacristão, vendi muitos anos «O Gaiato».

Feito o exame comecei a aprendizagem na carpintaria, onde permaneci por dois anos, aprendendo a fazer portas, janelas, bancos, armários e outras coisas mais.

Quando tinha catorze anos, na idade em que comecei a olhar para a vida, o Senhor perguntou-me se queria seguir.

Pensei. Meditei. Rezei. E disse: Sim.

Nesse mesmo ano entrei no Seminário menor da Figueira da Foz. Tenho tido muitas dificuldades, mas também tenho a graça de Deus para as vencer.

Este ano dei entrada no Seminário maior de Coimbra para, na medida do possível, conhecer a vontade do Pai e segui-la.

Peço a todos que me ajudem a fazer a Vontade de Deus.

José Martins de Carvalho

Note B. — O nosso Zé é uma esperança. Deus o ajude a encontrar-se e a encontrá-Lo.

Não há nenhum leitor que queira assumir as despesas com os estudos do Zé? Ele já está a chegar ao meio.

Fadre Horácio

Lar do Porto

Queridos leitores e amigos de «O Gaiato»: Com certeza já devem ter dado falta desta pequena crónica do nosso «Lar do Porto»! Sim, de facto tem faltado; mas, podem crer, não é a falta de vontade que nos impede de falar; o tempo é que tem passado tão depressa em relação ao trabalho que, o pouco que sobra, só serve para fechar e abrir os olhos. Esta é a primeira vez que escrevo para o nosso Jornal. Julgo que não vos irá agradar tanto como as crónicas anteriores; mas, tanto nesta como noutras que decerto escreverei, procurarei dizer algo de novo, que vos possa oferecer um ambiente de boa disposição. Estamos no começo

do ano lectivo e eis que novos problemas surgem como já era de esperar. Estamos na altura que os pais e, em nosso caso, os nossos padres, andam quase sempre consumidos com aquisições de livros, etc. etc. São inúmeros os problemas, como sabeis. Pois bem; se, por acaso, em vossa casa, houver algum material escolar que não vos faça falta, agradecemos muito a oferta. Muito obrigados.

— Só queria lembrar que se tiverdes intenção de visitar o nosso Lar do Porto ou a nossa Aldeia de Paço de Sousa não percam as esperanças. A nossa Obra, é uma Obra que precisa ser visitada — «Somos a Porta Aberta» que precisa de ser conhecida, porque com ela bem conhecida mais se pode dar o devido valor a Pai Américo, seu fundador; e só assim se poderá ter mais vontade de participar na sua expansão.

Aconselho o leitor que não vá às cegas; peça um dos nossos cicerones que lhe mostrará de ponta a ponta a extraordinária maravilha que é o nosso Lar do Porto e a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Um grande desejo de felicidades para todos que conosco colaboram.

Raimundo Rodrigues

Paço de Sousa

VINDIMAS — Quando começam escusado será dizer que é sempre o grande problema para a Comunidade. Mais tarefas tem a senhora D. Sofia que não sossega um momento para fazer cházzinhos para dores de barriga!... Mas, com a graça de Deus, os trabalhos correm da melhor maneira. E temos vinho em abundância.

FUTEBOL — Há muito que não damos notícias do nosso grupo. Encontra-se em excelente forma. No dia 29 do mês passado realizaram-se mais dois jogos. A reserva empatou. E os internacionais perderam 3-1; mas, apesar de tudo, fomos superiores ao nosso adversário.

As nossas derrotas são derivadas a melancolia frente ao adversário. Estará a malta triste pela pobreza do seu equipamento?... Se nos querem ver a ganhar, abafem-nos a tristeza — por favor, ofereçam-nos camisolas, chuteiras, meias, tudo que é necessário para jogar futebol. Se algum dos leitores — e são tantos! — faz parte da direcção de qualquer clube, oficial ou particular, e note haver em seus balneários ou cabines equipamento fora de série, muito agradeceremos que se lembrem de nós.

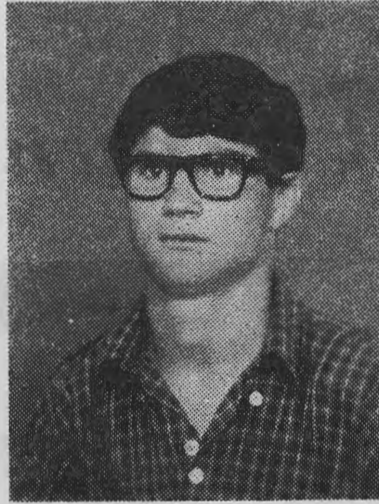
BELEZA — Não se admirem da beleza da nossa Aldeia. Frente ao portão, agora está tudo maravilhoso. Cá por dentro e com a continuação do tempo e ajuda de Deus, e de vós, virá a ficar cada vez melhor. Uma das coisas que leva o Sr. P. e Abraão a ficar zangado — e com razão — são as excursões que não respeitam a nossa quinta. Muita gente não tem cuidado com a limpeza. E fica tudo uma lixeira!

ESCOLAS — Reabriram as aulas de instrução primária. E, quando esta edição sair, funciona, já, também, um

posto de Telescola. Tudo para bem do futuro de cada um de nós.

Eleições — Com a próxima ida do Alberto para a tropa, a Comunidade de Paço de Sousa elegeu um novo chefe maior — acto de grande relevo e responsabilidade.

Antes de se iniciar a votação ouvimos, como é habitual, o que Pai



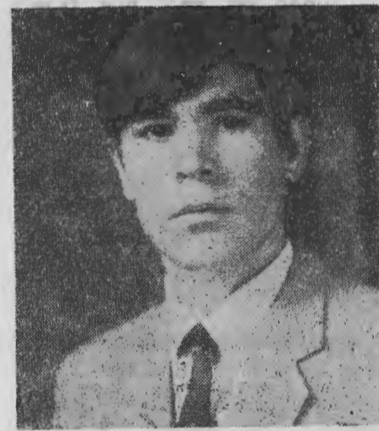
Santos Silva, novo chefe maior, eleito pela Comunidade de Paço de Sousa.

Américo diria, mas pela boca de Sr. Padre Abraão:

«Queridos rapazes; antes de começarmos este acto de grande responsabilidade só vos quero consciencializar de que a eleição do nosso chefe seja feita com todo aquele afecto e carinho pela Obra. Saibamos pois escolher».

Depois rezámos ao Senhor uma oração muito simples para nos ajudar a encarar seriamente o acto. Pai Américo esteve presente, realmente, no espírito de cada um.

Guardando ainda o silêncio, cada um de nós — desta vez por iniciativa própria — pediu ao Senhor que o novo chefe eleito fosse competente e compreensivo. E o novo chefe



António Maria, sub-chefe.

maioral é, de facto, competente e compreensivo. Consciencializados do acto que iam enfrentar, tomámos um papelinho e votámos. Feito o escrutínio, foi revelada a contagem: Santos Silva 56 votos, António Maria 9, Manuel Capelo com 7 e Manuel António com 5, havendo ainda duas abstenções.

Após a votação ouvimos o novo chefe, que declarou: «Tenho nas mãos o cargo mais difícil da Obra, o cargo mais difícil da Obra é certo; mas tudo farei para que a Comunidade continue a respirar o bem estar. Mas isto não depende só de mim mas de todos: quer os mais responsáveis, quer todos os outros».

Para o novo chefe — que agora tem nas suas mãos o cargo mais difícil da Comunidade — quer os mais responsáveis quer todos os outros ajudemo-lo na difícil tarefa para, assim, continuar o bem estar na Comunidade, como afirmou.

As maiores felicidades para o Santos Silva.

Carlos Alberto

SETUBAL

É com muito gosto que aqui estou, de novo, a dar algumas notícias da nossa Casa. Começámos há dias com a ceifa do arroz. Ela significa para nós o trabalho maior e o mais aborrecido. Mas é com o dinheiro dele que pagamos as nossas maiores dívidas. E elas que são tantas!

Começamos a trabalhar logo ao nascer do sol, após o pequeno almoço e procuramos atacar de manhã porque está fresquinho. Almoçamos ao meio-dia. E cerca da uma e meia aí vamos de foice às costas e sorriso nos lábios, para mais uma etapa, esta a mais dura, por ser a do calor. Mas, com força de vontade, o calor é vencido. Por volta das 5 h. temos merenda e piadas para não desanimar.

E, depois, tornamos ao arroz, a terminar mais um dia cheio de trabalho mas, ao mesmo tempo, com o dever cumprido. A ceifa é feita por todos. Nós, os das oficinas, também viemos cá dar a mão. Isto é nosso; por isso, temos que colaborar, para acabar o mais depressa possível.

RUI

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É um homem de meia idade, tuberculoso. Inexistimos, há muito, pelo seu internamento. E mexíamos os papéis. Mas não quere! E não quere porque, além de problemas aparentes difíceis de aclarar, sofre, também, um outro, consequência de más informações — justas ou injustas — de pacientes queixosos em ralação a estabelecimentos onde procuraram cura. Por isso, o nosso trabalho de persuasão é infrutífero. Tem sido uma cruz. E continuará. «Prefiro morrer aqui... que ir morrer noutra lado...!»

Este amargo, infelizmente, não é único. Os Pobres do meio rural são vítimas, com ou sem razão, do horror aos hospitais — doença ancestral tão difícil de curar como as incuráveis! Mas que, ao menos, as justas objecções que façam não caíam em saco roto. É o caso: Um mal gera sempre outro mal. Ou não é o património da saúde física da Nação uma das melhores riquezas do seu povo?...

O QUE RECEBEMOS — Abrimos com 20\$00 de um anónimo. O mesmo de Espinho. 50\$00 de um empregado da HICA, na Caniçada. Mais 20\$00 de uma funcionária dos C.T.T.U., em Lourenço Marques, cuja presença costuma ser muito assídua. O dobro da assinante 17022. Mais 20\$00, com um pedido de desculpa pela «insignificância». A delicadeza cristã é assim. Outros 20\$ do assinante 10159. Hoje é a precisão dos 20\$00! Da perseverante A. F., do Porto, idem. E outros 20\$ do assinante 27248. E terminamos com mais uma nota de 20\$00, que vale uma grande fortuna — é da «Viúva do Porteiro». Senhora Rosa, Deus a ajude no seu calvário. E lembre-se de nós junto do Senhor.

Júlio Mendes

A nossa peregrinação

Mantendo a tradição, todos os nossos Rapazes apurados para o serviço militar foram em peregrinação a Fátima, dia 13 de Outubro. O grupo deste ano incluiu os seguintes: Sanches, Tavira, Chinês, Adão, Milheiro Rosas, Fernando e Santos.

Partimos do Porto dia 6, um domingo, e regressámos no domingo

seguinte, à noite, na carrinha.

No primeiro dia da nossa peregrinação (que, para lá, foi sempre a pé) caminhamos até Oliveira de Azemeis. Aí, procurámos o Pároco. Atendê-nos com aquilo que pôde, e deu-nos guarida para a primeira noite.

Levantando-nos às cinco da madrugada, deixámos Oliveira de Azemeis, rumo a Águeda, onde, no Hospital, nos deram um almoço quente — como quente é o coração de quem o dirige. Pelas três horas da tarde retomámos o caminho, com a intenção de pernoitar em Coimbra, no nosso Lar; eram mais quarenta quilómetros a adicionar aos trinta, já percorridos de manhã. Mas, como os nossos pés começavam a dar sintomas de cansaço, com bolhas de água, que nos dificultavam o andamento, chegados que fomos a Mealhada (dezoito quilómetros antes de Coimbra), de tão cansados que estávamos e como a hora já ia longa, não resistimos à tentação, e pernoitámos ali mesmo, no pátio dumas escolas...

No dia seguinte, da parte da manhã, completámos a etapa até Coimbra; e descansámos no nosso Lar. Pela tardinha do mesmo dia, continuámos a caminhada até Condeixa. No hospital da Vila, a Madre Superiora atendeu-nos carinhosamente, e forneceu guarida em colchões. A primeira noite que dormimos em colchões!

No dia seguinte retomámos a caminhada, rumo a Pombal. Fomos ao encontro do Pároco da Vila — assinante do «Gaiato» e amigo da Obra. Recebeu-nos com muito carinho e estima. Confortou-nos.

A etapa do dia seguinte era até Leiria; mas, como aí não foi possível arranjar sítio onde pernoitar, continuámos com o propósito de chegar a Fátima por volta da meia-noite. Foi a etapa mais dura, como duro, frágil e imerso em trevas é o atalho que seguimos, encurtando-nos assim o tempo que levaria a caminhada até à meta final. E só com a ajuda de um cajado, pendente duma das mãos (a outra segurava a mochila), conseguimos devorar a tortuosa vereda até ao cume do monte que antecedia a meta desejada. De tão queimados, não resistimos à tentação de parar numa aldeia, ali situada, para dar tréguas à fadiga... Enquanto que alguns elementos do grupo, ressentindo cansaço, ficaram pernoitando nessa povoação, outros prosseguiram, devorando, quase a passo de carangueijo, os derradeiros quilómetros. Chegados a Fátima, pela primeira hora da madrugada, pernoitámos nos claustros do Santuário. Como a cama era dura... e não dava pretexto a preguiça, levantámo-nos pelas seis da manhã do dia 11 e fomos esperar os colegas que não aguentaram o resto da caminhada. Assim, dirigimo-nos ao Reitor do Santuário que, de colaboração com os directores do Hospital e «Grande Albergue de Fátima», resolveu o problema de todas as refeições. Quanto à dormida, alguém que nos é familiar facilitou-nos a vida.

Desta forma, esperámos o dia 13 já com comodidade.

Chegou finalmente a véspera do grande dia!...

Quem, como nós, teve a oportunidade de contactar com Fátima dias antes do Momento Religioso, como a achou diferente nesse dia!...

O dia 13 começou com a Santa Missa e Comunhão Geral aos peregrinos, prosseguindo depois as cerimónias. A Missa Solene começou às onze e meia, acabando com a despedida da Virgem por volta das treze horas.

Foi assim a nossa peregrinação! E, claro, pedimos à Virgem que, fora do Santuário, ilumine os nossos corações; e todos os que nesse dia Lhe pedimos protecção, após a vida militar, não nos esqueçamos de Lhe agradecer, todas as graças concedidas. É um dos mais elementares deveres de um cristão.

Santos Silva



Cantinho dos Padres da Rua

Cont. da PRIMEIRA página

aprendida e exercitada ao longo de toda a vida, lhe permitirá realizar o prodígio da «passagem de um camelo pelo fundo de uma agulha».

Mas a miséria conduz por caminhos diferentes ao mesmo fim. Monstro tentacular que é, aposa-se do coração do homem; suga-lhe, até à última gota, a confiança; rouba-lhe a sobriedade; mata-lhe tudo o que há de sã no sentido de posse; produz aviltamento, revolta, ódio — e tudo se pode resumir numa avareza de desejo que avassala aquele destroçado coração.

«Senhor, riqueza e miséria — não me dê!»

O realismo deste cântico — que sempre me impressionou e várias vezes já me serviu de tema nos peditórios de verão — experimentei-o agora em meditação incomparavelmente mais prática do que todas as que tive a oportunidade de fazer. E enchi-me de mais admiração por vários de vós (quase todos), que têm sofrido na sua carne, directamente, o aguilhão de dificuldades que só de longe eu conhecia. Enchi-me de admiração e de receio, pelo que a preocupação das coisas nos perturba e nos diminui para outras preocupações que são, inequivocamente, o nosso objectivo.

MALANJE

Continuação da QUARTA pág.

O Salazar quer que lhe leve um litro de vinho «para dar força e consolar».

O André por um colchão; outro doente, outro; e mais dois, dois — são quatro.

E sementes para plantarem à porta; o rádio que se estragou; catanas; um casal de porcos; uma mala, galinhas de raça e criolina.

Prometi tudo. Mas já lá vão dois meses e só agora estou aqui diante de ti. Muitas senhoras me têm dado roupas de senhora e criança. Os doentes têm lá as famílias. E quando me vêm aparecer com roupas, deram.

Quando me despeço deles, ressoam-me sempre na alma as palavras que um dia o Fernando me atirou: «Não se vá embora; agora o nosso coração está a fazer amor, não pode ir».

Mas venho, para voltar carregado com as tuas sobras.

Padre Telmo

A esta luz, esclareci melhor aquele texto de Pai Américo — até aqui sempre um nadinha misterioso! — com que remata o Relatório de 1954.

«Por último vem o capítulo contos.

(...) No dia 31 de Dezembro tínhamos no Banco o saldo de 366 contos da Casa do Gaiato e 378 contos do Fundo Social dos Rapazes. Não são de estranhar. Temos necessidade de saldos robustos para garantia de responsabilidades civis. Começaria o descrédito da Obra na hora em que deixássemos de honrar um fornecimento. Hoje o nosso crédito é uma afirmação. Eu sou testemunha de uma conversa, depois confirmada por carta. Júlio telefonou para uma firma de Lisboa. Nunca tinha mantido com ela relações comerciais. Pois ali mesmo falaram «numa transacção de cinquenta contos de papel. A firma despachou imediatamente. Não duvidou. Ora nós precisamos de corresponder.

Mais. Além das despesas inerentes ao vestir e alimentar as populações de todas as Casas, vem o capítulo obras, que absorve somas importantes. Não as provocamos, sim, mas também não adiamos. É agora. Ele há uma razão última deste nosso proceder: dar pão e caldo aos Pequenos. Contam-se por centenas as famílias que têm resolvido seus problemas caseiros com as obras das Casas do Gaiato. Isto, por paradoxal que pareça, é a nossa maior fonte de receita! Rendimento actual, pronto, eficaz. Os homens superficiais hão-de continuar a dizer que somos

péssimos administradores e por tal nos julgarem. É o mundo. Não sabem o que dizem.

(...) Outro reparo dos ignorantes é o nível em que procuramos trazer o Rapaz nas nossas Casas. A escova de dentes. O banho. O fato.

(...) Ora neste ponto, tal como na decisão de prestar trabalho e ser útil à Comunidade, temos de fechar os ouvidos e ir buscar segurança. Precisamos, sim, de saldos vigorosos.

Finalmente, a presença e constância do desafogo em que vivemos, leva o «padre da rua» a perder o medo e a ganhar confiança. Ele habitua-se a tomar como de Deus o dia de amanhã. Não cuida de si. Não faz celeiro. Não é prudente. Em virtude desta super-abundância, o «padre da rua» é o homem que não tem nada de seu, porque tem tudo quanto precisa e na hora em que precisa.»

Sim, «os saldos vigorosos não maculam a nossa Pobreza. A presença e constância do desafogo em que vivemos é feita do nosso trabalho e da consciência em acção daqueles que querem servir-se de nós, para colaborar, como lhes compete, no serviço do Bem-comum.

E se, por dom de Deus, nos não mete medo nem nos falta a confiança no dia de amanhã, a respeito das nossas pessoas, que coisa pequena somos — a grande dimensão da nossa Família, o nível que lhe devemos, as responsabilidades civis que somos obrigados a assumir e a honrar por causa da sua sustentação e do seu crescimento não nos dispensam de pretendermos e trabalharmos por aquele desafogo, que, sem ser riqueza nem miséria, responde ao que «sómente é necessário à nossa vida.»

De resto, o nosso combate doutrinal, a nossa pregação «oportuna e importuna», visa, exactamente, que se construa a sociedade de molde a que sejam estas as bases da vida de todos os homens, de todas as famílias. E que assim, livres da maldição da riqueza e da miséria, se nutram do necessário à vida para frutificação abundante em frutos de espírito, válidos na Eternidade.



Cont. da PRIMEIRA página

podem e que precisam de quem lhes dê a mão. Que o trabalho e o progresso, que o suor e a técnica do homem não sejam meros objectivos temporais ou económicos, mas meios que conduzam à felicidade de todos.

Se há países e povos mentalizados para o consentimento no aborto e para o uso e abuso de medicamentos que obstam à vida e Deus criou a terra que está por povoar e o Céu que quer ver cheio de santos, como pode a palavra do Papa deixar de ser de condenação aos abusos do homem que quer ser

senhor da vida que não lhe pertence?

Nos últimos tempos temos visto e sentido neste nosso meio as liberdades e facilidades da nossa juventude. A todas as horas do dia e da noite encontramos pares, sem conta, debruçados uns sobre os outros, sem o mínimo de respeito, já não por si, mas pelos que têm direito a um ambiente de moralidade sã.

S a b e m e s da inconsciência com que muitos estudantes se apresentam a exames, e como muitas vezes passam, se foram acompanhados pela recomendação, ou são filhos de gente que

SETUBAL

Continuação da QUARTA pág.

Todo o pensamento de Pai Américo mergulha no Evangelho, toda a pedagogia para rapazes e para padres é uma fonte de salvação. Para Pai Américo o Evangelho não se decora. Vive-se. É Vida. Vida em abundância. É na medida em que os rapazes se dão aos outros na comunhão da responsabilidade que eles abrem portas à sua salvação. O caminho da salvação não é, também, no Evangelho, uma abstracção ou uma interiorização aérea; é, sim, uma concretização na vida. A salvação está no Amor. O amor é interesse real pelos outros. É entrega. É perder a vida para A salvar.

O Rogério este ano fez o 7.º ano liceal completo e com boas médias. Teve a chave do cofre mais a responsabilidade das contas gerais da Casa. Participou activamente nas festas que lhe roubaram muitas noites. Foi cireneu e confidente de muitas amarguras. Quando começou a germinar a ideia e a criação de um posto da Telescola em Casa, eu no íntimo pensei no Rogério. Falei-lhe. O Rapaz disse que sim, mas desco-

bri que algo lhe baralhava a decisão. Ele sonhava tirar um curso superior de Económicas e Financeiras. É natural. Tu dirás: é legítimo. Eu direi: haverá poucos a quem daríamos com mais gosto um curso superior. Mas os outros? Os outros rapazes? A quem os entrego eu? A Obra para o seu serviço não precisa de doutores. Ela é tão pequenina! Os seus filhos são os mais humildes, os que nada têm. Um curso liceal já abre a cabeça para a percepção das realidades mais comezinhas para o serviço da Obra. Também eu gostava de tirar um curso superior; mais hoje que está tanto na moda de se ir estudar. Mas quem ficaria a servir no meu lugar? O rapaz entendeu. Ou melhor: quer entender, pois estas verdades mergulham no coração e não se entendem de repente. É necessário o amor e a experiência para se descobrirem. O Rogério quer entender e ficar ao serviço!

Quando amanhã outros se formarem e forem doutores hão-de saber que o são à custa daqueles que por amor o não quiseram ser.

Padre Acílio

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

O segundo pensamento é que nós apreciamos muito as moedas dos humildes. Tem acontecido, os párcos a quem me dirijo, para falar nas suas Igrejas, dizerem que, nas Missas de muito cedo, não vale a pena porque é gente muito pobre. Costume dizer: são eles que nos entendem melhor. Dando menos, dão com mais amor. Mas então não apreciamos as ofertas maiores? Sim, desde que venham com o mesmo espírito que dá o Pobre.

Os senhores mai-las senhoras e mais as senhoras que os senhores, como diria Pai Américo, que me desculpem. Mas muitas vezes falta-lhes o verdadeiro sentido de dar. Dão como se fora para qualquer extravagância. A esmola é vazia de sentido. Muitas vezes até de sentido prático. Uma Casa como esta, carecida de tanta coisa útil, onde o mais necessário está por fazer, dispensa bem os bolos, os doces, bolachas e outras coisas que melhor fora nos dessem o dinheiro que custaram. Há dias ofereceram-nos dois sacos de rebuçados. Quase quinhentos escudos. Já dei de um que vai durar muito, mas não digo o que tive vontade de fazer ao outro.

Vem aí o Natal e já me cheira a guloseimas em demasia. Lembrem-se que estamos a construir as oficinas de Carpintaria e Serralharia cujo edificio, sem máquinas, vai para os cem contos. E logo a seguir ou até ao mesmo tempo se Deus quisesse, temos as Escolas que roçam os duzentos. Depois virá a Casa-Mãe, a mais cara, talvez pelos mil contos. Teremos a primeira etapa e mais importante realizada. Mas, daqui a dois, três anos? Será dinheiro de muitas migalhas, de muitas renúncias e Deus queira que também de muitos bolos que não chegamos a comer.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

Padre José Maria



CASA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Flor cinzenta

Tristonha é a flor,
Cinzenta de cor,
Rara no canteiro.
— Há-as mais formosas,
Mas são caprichosas...
Diz o jardineiro.

Pétalas caídas
Na relva, despidas,
De noite ao relento,
Pelo ar são levadas
Por fracas rajadas
De soprado vento...

Voando — tão leves! —
Após voos breves
Regressam à terra.

Quanta formosura
De dor e ternura
Um jardim encerra!...

Paço de Sousa, Novembro de 1968

Santos Silva



Vamos na casa dos noventa. Pelo Natal estaremos na centena. É uma multidão de enfermos de toda a espécie. O último, que chegou, fez saltar lágrimas. É ser humano completamente deformado. No entanto, a consciência perdura. Mas causa arrepios a presença de uma inteligência normal, viva e activa, num ente sem forma humana.

E outros chamam. No Minho, no Alentejo, no Algarve. Aqui, uma criança de 12 anos. Além, dois irmãos paralizados e sem família. Pouco a pouco vamos enchendo os leitos com doentes a quem ajudas a acarinhar com tuas renúncias.

Ei-las:

Uma migalha saborosa de vinte escudos. Um vale de quatro mil: É enfermeira que «nem sempre soube cumprir com meus deveres profissionais», mas mostra vontade de o realizar. Um senhor de Espinho com mil escudos, para o sabão que aqui se consome. Professora de Gondomar com 150\$. Saldo de pensão, 262\$. Os funcionários do Banco de Portugal com seis notas de vinte «para os nossos irmãos do Calvário». Laura com cem. Maria de Lourdes com vinte e roupas. Humilde portuense com a presença de largos anos. Oferta para o Calvário. Ernesto, da Póvoa, com 50\$ e roupas. A. Dias com 60\$. Para comemorar a data do falecimento do filho adoptivo, cem escudos. Portuense qualquer com metade, tão constantes e amigos! M. José com o dobro. Maria Alice com outro tanto. Avô com 50\$ aos sete anos e oito meses do neto amigo. Senhora do Porto com cem e promessa de continuar com melo por cento de suas vendas. Deus a ajude. Quem dera que os Pobres recebessem a parte que lhes pertence dos ganhos dos ricos! Laura com 50\$. Elvira com dúzia de lençóis alvos e rendados. Bem haja. Cristina com mil escudos e azeite puro. Dois jovens multam-se mutuamente por muito fumarem e entregam 1.000\$00. Doente para doentes com 20\$ todos os meses. Jovens de Alvorinha com quete de 315\$00. Outra migalha «para os meus irmãos doentes». Isabel, do Barreiro, com cem. Mais outra vez os funcionários do Banco de Portugal com notas a estrear. Tantos Bancos, mas só este aqui comparece. Anónimo com 50\$. Da Tocha, Maria pede orações. Portuense qualquer torna com cem escudos. Maria com outro tanto. Estes mil vêm com um «ofersso este donativo perduto das minhas e cunumias pela salvassão da minha alma». Maria do Resgate com 200\$00. S. F. L. com roupas e donativo. Leonilde com 50\$ e outro tanto a um vendedor, de Lisboa. Visitantes com trezentos. Viúva

que vive do seu trabalho com vinte. Mãe com mil pelo bom êxito do exame do filho. De Lisboa vem esta carta: — «Sou uma menina de onze anos que há dias fui operada à apendicite aguda. Aqui na minha cama lembro-me dos doentes do Calvário para quem não há cura possível. Para eles mandolhe esta lembrança, de 200\$».

Miquelina com trezentos escudos. Funcionário da Carris entrega aumento de ordenado. Irene, um óbulo por seu marido. Domitila cem e um lençol. Idalina 50\$. José Duarte cem. Maria José outro tanto. Beatriz lega ao Calvário a quantia de vinte mil escudos. Deus a tenha em paz. De Barrocelas 270\$ de donativos. Maria Dinorah vem com três mil escudos. Assinantes 16644 com 50\$ e 19109 com vinte todos os meses. Berta com cem. Esmeralda com vinte. Anabela com outros vinte e um «que Deus nos ajude para podermos ajudar o próximo».

Quitéria com mil por alma de sua mãe. Princepelina com 150\$. Amiga de Melgaço com 200\$. No Espelho da Moda uma nota de cem e seis de cinquenta. Manuela de Alhandra com cem. Lídia com aumento de vencimento. Antónia com outros cem. Marília com metade. Raúl com cem muitas vezes. Anónima da Rua das Papollas, com seu óbulo todos os meses. Amiga da Palhaça com outro repetidas vezes. Maria de Jesus com dois mil de seus magros haveres. M. J., de Infesta, com 100\$00. Por alma de Alcino outro tanto. Da C. G. D. de Braga, 40\$00. Esta nota traz um «que o Senhor nos ajude a saber com-



Temos uma notícia muito feliz a dar a todos os nossos amigos e sofremos por não a podermos transmitir a todos os homens de boa vontade. Pois ela é fonte de luz e de felicidade.

O nosso Rogério tomou o encargo de um Posto de Recepção da Telescola criado em nossa Casa para os nossos Rapazes. Ele é o seu monitor e o responsável por todo o funcionamento do posto. Frequentam-no doze dos nossos, — por enquanto é só dos nossos — pois é nossa intenção abrir as portas às crianças pobres nossas vizinhas para que possam também auferir o bem que a instrução traz.

Se Pai Américo fosse vivo, ele cantaria hinos, como só ele sabia entoar, por encontrar resposta num rapaz ao seu pensamento evangélico de uma Obra de Rapazes para e pelos Rapazes. Agora, na luz da Verdade e em plena posse da glória, participará da glória que de Deus recebe, por que o chamamento de Deus encontrou eco na alma do Rogério.

Cont. na TERCEIRA página



Falamos, neste número, do Grupo de Auxílio a Auto Construção. Tratando-se de um movimento muito necessário e, ao mesmo tempo, muito difícil, não haverá viabilidade de sucesso sem que um bom grupo de pessoas marquem a sua presença com o seu interesse, a sua inteligência, a sua disponibilidade e o seu dinheiro. Fazer casas tornou-se no nosso tempo tarefa tão árdua que a maioria das famílias, por um motivo ou por outro, desistiu desse empreendimento. São muitos os motivos dessa atitude de abstenção. Por um lado as complicações burocráticas, por outro lado as dificuldades de dinheiro, de terrenos, etc. Depois a vida de hoje sujeita a extrema mobilidade por causa de novos lugares, de novos negócios. A um ou outro chega a parecer mais cómodo não ter casa. Por espantoso que pareça, é assim. A casa aparece aqui e ali, a este e aquele, como estorvo a uma nova maneira de estar ou de viver. Por um lado estes dados e por outro as crescentes dificuldades para a construção originaram o que está à vista: A grande maioria das famílias não vive em casa própria. Auto-Construção é um movimento que se propõe doutrinar, que está resolvido a lutar e dese-

ja ajudar, na medida do possível, para que o maior número de famílias volte a ter casa própria, a viver na sua casa. Não se trata de um empreendimento sem enormíssimas dificuldades. Temos plena consciência disso. Esta última circunstância aumenta a nossa determinação. Daí a constituição de um Grupo de Auxílio a Auto-Construção que, como souber e na medida em que souber, se não poupará a esforços nesta luta que julga bem valer a pena travar. Quantos pertencem ou venham a pertencer a este grupo têm consciência de que a casa própria é muitíssimo conveniente ao homem; que a vivenda, propriedade da família, é uma ajuda valiosíssima para o bom viver familiar. Esta convicção levá-los-á ao interesse, ao trabalho, ao sacrifício. Nem a todos os elementos do grupo é pedida a mesma coisa. A todos se pedirá compreensão, fé e Caridade. E, agora, a pergunta de ordem muito prática: Quem quer pertencer ao Grupo de Auxílio a Auto-Construção?

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Agular da Beira).

Padre Fonseca



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Um grande grupo de pessoas de Malanje fez uma sociedade Agro-Pecuária. Mesmo que não dê algodão nem sala gado, é um marco, um sinal de união, uma força.

Todos unidos, sim. Isolados, nada. O individualismo exagerado pode secar uma cidade até aos fundamentos, ou torná-la raquítica no crescimento.

Deste marco, (esta e outras cooperativas já a funcionar) nos podemos assomar para o futuro.

Isto é só para lhes dizer que também somos um membro da dita. Foi: Um grupo de senhoras e senhoras tiveram a idela. (Outra vez a força). Duas senhoras deram uma volta à cidade a angariar fundos para a nossa cota. E foi um ai. Foram

os 20 mil das duas cotas iniciais e sobram ainda 3\$00.

Somos nós o primeiro fruto da Agro-Pecuária gerado pelo gesto amoroso de todos os que deram.

x x x

Sinto-me tão pequenino, sentado no portal, diante do Senhor... sempre que vou visitar os nossos irmãos leproso! Na despedida, o Fernando (já cego) fez-me apontar o que precisam.

Da última vez level alguns colchões que pedi nalgumas casas comerciais de Malanje.

O Fernando pediu-me «um cão grande para lutar com os bichos que estragam as lavras».

Cont. na TERCEIRA página